X EPCC
Encontro Internacional de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017
ISBN 978-85-459-0773-2

ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS EM CRIANÇAS REGISTRADOS EM CENTRO DE INFORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA

Camila Cristiane Formaggi Sales[1]; Rubian Hellen Alves Teixeira[2]; Karen Matsuike Gonçalves[3]; Robson Senna de Andrade Alves[4]; Magda Lúcia Félix de Oliveira[5]

[1]Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Maringá - UEM. Bolsista CAPES. camila_cfs14@hotmail.com
[2] Bióloga, Mestranda em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Programa de Pós-graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, UEM. Bolsista CAPES. rubi_hellen@hotmail.com
[3]Graduanda em Ciência Biológicas, UEM, Bolsista Fundação Araucária. karen_matsuike@hotmail.com
[4]Biólogo, Mestrando em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Programa de Pós-graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, UEM. Bolsista CAPES. robsonsennaalves@gmail.com
[5]Orientadora, Doutora em Saúde Coletiva, Departamento Enfermagem, UEM. Pesquisadora Programa de Pós-graduação em Enfermagem. mlfoliveira@uem.br

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi caracterizar os acidentes infantil por animais peçonhentos registrados em um centro de informação e assistência toxicológica de referência para o Noroeste do Paraná. Estudo descritivo e documental, a partir de consulta nas fichas epidemiológicas de notificação e de atendimento de crianças de zero a 12 anos, registradas no período de 2013 a 2015 no Centro de Controle de Intoxicações do Hospital Universitário Regional de Maringá. Os dados foram transcritos para planilha no Microsoft Excel® 2013 e os resultados analisados descritivamente. Foram encontradas 304 fichas epidemiológicas de notificação e de atendimento de crianças vítimas de acidentes por animais peçonhentos, com predomínio de acidentes no sexo masculino (53,9%), em idade inferior a cinco anos (63,8%) e moradores da zona urbana (78,3%). Os acidentes foram causados, principalmente, por insetos não identificados (32,7%), aranhas (22,8%) e escorpião (19,1%). As hospitalizações duraram, em média, dois dias e a maioria dos casos foram considerados acidentes leves. Destaca-se a gravidade dos acidentes causados por escorpião e as complicações infecciosas causadas pelos insetos não identificados. O presente estudo pode contribuir para a melhoria e desenvolvimento da sistematização do atendimento de crianças vítimas de animais peçonhentos, bem como conduzir ações educativas que reduzam a incidência de acidentes por animais peçonhentos e oriente sobre primeiros socorros a essas vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: Animais venenosos; Centro de Controle de Intoxicação; Criança.

1 INTRODUÇÃO

Os acidentes por animais peçonhentos são a segunda causa de notificação epidemiológica nos centros de informações e assistência toxicológica (CIAT) existentes no Brasil. Segundo dados do Sistema Nacional de Informações Toxico-Farmacológicas (SINITOX), no ano de 2012 foram registrados 5.547 acidentes por animais peçonhentos na região Sul do Brasil, representando 27,4% das intoxicações registradas nesta região (BRASIL, 2015).

Animais peçonhentos possuem aparelho inoculador de veneno especializado, podendo injetar no homem e em outros animais, substâncias tóxicas ou venenosas denominada peçonha. No Brasil, os maiores causadores de acidente humano são escorpiões, aranhas, serpentes, abelhas, vespas, marimbondos e arraias, sendo que a frequência dessas lesões é determinada por diferentes fatores, incluindo o desiquilíbrio ecológico dos ecossistemas (CHIPPAUX, 2015).

Embora as principais vítimas de ataques de animais peçonhentos sejam homens que vivem em meio rural, cerca de 16% delas são crianças. Nesses casos, crianças representam maior gravidade do que em adultos devido a concentração do veneno por área corporal, à baixa capacidade imunológica da criança e menor massa muscular (CHIPPAUX, 2015).

Os acidentes por animais peçonhentos devem ser atendidos em unidades equipadas para atenção às urgências clínicas, não só pela rapidez exigida na neutralização das toxinas inoculadas durante o acidente, como pela frequente necessidade de introdução de medidas de sustentação das

ISBN 978-85-459-0773-2

condições vitais dos acidentados. Crianças vítimas de animais peçonhentos devem receber acompanhamento especial, considerando a baixa maturidade e maior vulnerabilidade, além das especificidades dentro das diferentes faixas etárias (LIMA; SOARES; PINHO, 2016; MESCHIAL et al., 2013). Estudos que permitem identificar o perfil das crianças vítimas de animais peçonhentos e seu atendimento podem contribuir para a elaboração de medidas preventivas e para padronização do atendimento (MARTINS et al., 2013).

Neste sentido, o objetivo do presente estudo foi caracterizar os acidentes por animais peçonhentos registrados em um centro de informação e assistência toxicológica de referência para o Noroeste do Paraná, com vistas a fornecer subsídios à elaboração de medidas preventivas e assistenciais.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e documental, de abordagem quantitativa, com análise retrospectiva, realizado por meio de coleta de dados das fichas epidemiológicas de notificação e de atendimento do Centro de Controle de Intoxicações do Hospital Universitário Regional de Maringá (CCI/HUM). O CCI/HUM presta assessoria e consultoria na área de urgências toxicológicas para um total de 115 municípios pertencentes a Macrorregional Noroeste de Saúde e tem como uma de suas atividades a vigilância epidemiológica das intoxicações, visto que a investigação dos casos possibilita o levantamento das relações causais da ocorrência e a formulação de ações de prevenção e controle das mesmas.

A população em estudo compreendeu crianças de zero à 12 anos atendidas após acidente por animal peçonhento e cadastrados no CCI/HUM nos anos de 2013 a dezembro de 2015. Os dados foram coletados das fichas epidemiológicas de notificação e de atendimento CCI/HUM, e para verificar se houve internação, utilizou a Relação Mensal de Pacientes Internados, um impresso utilizado no centro para registro de todos os casos que necessitaram de internação.

As variáveis estudas foram relacionados à idade da criança - organizada nas faixas etárias de zero a cinco anos e acima de cinco anos; sexo - organizado em masculino e feminino; local do acidente – organizado em residência urbana, ambiente externo urbano, escola/creche, sítio/chácara e outros; animal agressor - aranha, serpente, escorpião, inseto não identificado, abelha, lagarta e outros; sazonalidade dos atendimentos; local de atendimento – hospitais, unidades de pronto atendimentos, unidades básicas de saúde, clínicas, e outros; gravidade do caso – leve, moderado e grave; tempo de internação – categorizado em 01 dia, 02 a 03 dias, 04 a 05 dias e maior ou igual a 06 dias; e desfecho clínico do caso - na forma de alta hospitalar e óbito.

A coleta de dados foi realizada entre outubro e novembro de 2016. Os dados das fichas foram transcritos para uma planilha no Microsoft Excel® 2013 e os resultados analisados descritivamente.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/ UEM), sendo aprovado com parecer número 41906/2012.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas 304 fichas de acidentes por animais peçonhentos em crianças, sendo a maioria (53,9%) do sexo masculino e com idade inferior a cinco anos (63,8%), conforme apresentado na tabela 1. Outros estudos reforçam a incidência de acidentes com animais peçonhentos em meninos menores de cinco anos, e uma possível explicação é que essa população exibe um comportamento de maior risco comparado a meninas e crianças maiores (CHIPPAUX, 2015; LIMA; SOARES; PINHO, 2016).

ISBN 978-85-459-0773-2

Quanto ao local do acidente, 78,3% aconteceram na residência em zona urbana (Tabela 1), porém estes achados não corroboram com a literatura, visto que a maioria dos acidentes acontecem no peridomicílio, em zona rural, área de maior concentração de animais peçonhentos, juntamente com áreas próximas às cidades, devido ao desmatamento ser maior nessa região (MARTINS et al., 2012). Portanto, esses dados indicam novos parâmetros para a vigilância epidemiológica das intoxicações na formulação de ações de prevenção e controle desses animais.

Tabela 1: Distribuição das variáveis demográficas das crianças vítimas de acidente por animais peçonhentos. CCI/HUM, 2013 – 2015.

Características	N	%
Sexo		
Feminino	140	46,1
Masculino	164	53,9
Idade		
≤ 5 anos	194	63,8
> 5 anos	110	36,2
Local onde ocorreu o acidente (N=		
Residência Urbana	238	78,3
Ambiente Externo Urbano	24	7,9
Escola/Creche	20	6,6
Residência Rural	16	5,3
Não Informado	06	1,9
RETIRAR O NÃO INFORMADO		

Os animais causadores dos acidentes foram principalmente os insetos não identificados (99 - 32,7%), aranhas (69 - 22,8%) e escorpiões (58 – 19,1%), conforme apresentado na Tabela 2. O perfil dos atendimentos, segundo o animal agressor, encontrado no presente estudo difere daquele encontrado nos acidentes em geral, independente da necessidade ou não de internação. Nas estatísticas dos acidentes por animais peçonhentos, observa-se um maior número daqueles causados por escorpiões, sendo que acidentes por picada de abelhas e insetos não identificados apresentaram aproximadamente 14% dos atendimentos (MESCHIAL et al., 2013).

Tabela 2: Distribuição da variável animal peçonhento envolvidos nos acidentes. CCI/HUM, 2013 – 2015.

Animal Peçonhento	N	%
Insetos	99	32,7
Aranhas	69	22,8
Escorpiões	58	19,1
Taturanas	57	18,8
Serpentes	16	5,3
Outros animais	04	1,3

Quanto à sazonalidade, os meses de outubro a abril foram os de maior incidência (Tabela 3). Esses meses coincidem com os meses mais quentes do ano na região Sul do Brasil, caracterizados por alta temperatura e pluviosidade. Nesta época do ano crianças podem estar mais propensas aos acidentes por animais peçonhentos, devido a férias escolares, maior realização de atividades associadas ao lazer e externas ao ambiente familiar, com maior exposição ao ambiente do animal (MARTINS et al., 2012).

ISBN 978-85-459-0773-2

Tabela 3: Sazonalidade dos acidentes causados por animais peçonhentos. CCI/HUM, 2013 – 2015.

Ano/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
2013	09	06	06	04	07	01	06	07	06	10	07	05	**74**
2014	11	07	04	03	04	06	06	06	03	06	05	06	**67**
2015	14	15	08	13	16	19	08	19	13	15	11	12	**163**
Total	**34**	**28**	**20**	**20**	**27**	**26**	**20**	**32**	**22**	**31**	**23**	**23**	**304**

O atendimento inicial prestado as vítimas, em sua maioria (218 - 71,7%), foram em hospitais e em Unidades Básicas de Saúde (26 - 8,5%). A criança vítima de acidente deve receber tratamento em centro especializado que disponha de recursos para prover suporte adequado, pois existem complicações previsíveis e possivelmente evitáveis. O acidente por animal peçonhento é mais grave na criança, consequentemente as sequelas e a mortalidade são mais altas. A sistematização do atendimento, para evitar que pontos importantes não sejam esquecidos, tornam a assistência mais ágil e efetiva (MESCHIAL et al., 2013).

Dentre os 304 casos, a classificação relativa à gravidade do envenenamento foi de 279 casos considerados como leves (91,8%), porém uma criança evoluiu à óbito no período estudado - criança com idade de 11 meses, notificada ao CCI/HUM com histórico de acidente por inseto não identificado, evoluiu com complicações infecciosas e após dois dias de internamento evolui à óbito. Embora mais de 90% das vítimas desses acidentes apresentem reações consideradas leves como eritema e prurido, alguns indivíduos podem desenvolver reação inflamatória importante, como no caso de acidentes por abelhas e insetos não identificados, nestes casos podem ocorrer reação alérgica intensa, infecções secundárias associadas à inoculação de microorganismos, choque anafilático e óbito (CHIPPAUX, 2015).

A maioria das crianças (94,4%) evoluíram com alta hospitalar melhorada. O período de internação das vítimas foi, em média, de dois dias, variando de um a oito dias de acordo com a evolução do quadro clínico de cada criança. Os acidentes com escorpiões apresentaram tempo de internação maior que os demais acidentes. O tempo médio de internação está dentro do esperado para casos similares. Um estudo sobre crianças e adolescentes vítimas de escorpionismo realizado também em Montes Claros – Minas Gerais, reportou que o período de hospitalização variou de um a 18 dias, com uma média de 2,3 dias (LIMA; SOARES; PINHO, 2016).

Os cuidados providos às crianças estudadas foram conduzidos, essencialmente, pela equipe de enfermagem do hospital, desempenhando as funções de proporcionar um ambiente terapêutico, avaliar e atender às necessidades de cada vítima de maneira integral, por meio da aferição dos sinais vitais, monitoramento do paciente ou administração dos medicamentos prescritos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o estudo tenha caráter localizado com registros de um centro específico, o registro nas fichas epidemiológicas de notificação e de atendimento completos permitiu a condução do estudo, reforçando a importância de se elaborar e arquivar essa documentação.

O perfil das internações devido a acidentes por animais peçonhentos em crianças apontou um maior número de casos em meninos menores de cinco anos e residentes em área urbana da Macrorregião Noroeste de Saúde do Paraná. Os prontuários indicaram também que a predominância dos casos correspondia a acidentes causados por insetos não identificados, aranhas e escorpiões. Destaca-se a gravidade dos acidentes por escorpião com longo período de internamento e as complicações infecciosas causadas pelos insetos não identificados. A sazonalidade foi confirmada, uma vez que ficou evidenciada uma maior ocorrência de internações

ISBN 978-85-459-0773-2

nos meses correspondentes ao verão e à primavera, sendo necessária assim uma maior atenção a estes acidentes nestes períodos.

O presente estudo pode contribuir para a melhoria e desenvolvimento da sistematização do atendimento de crianças vítimas de animais peçonhentos, bem como conduzir ações educativas que reduzam a incidência de acidentes por animais peçonhentos e oriente sobre primeiros socorros a essas vítimas, pois os profissionais de saúde devem estar capacitados para o atendimento às vítimas de acidentes por animais peçonhentos, visto a gravidade que podem assumir determinados casos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas - Sinitox. **Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Centro**. Região Sul, 2012. Rio de Janeiro: Sinitox; 2015.

CHIPPAUX, J. P. Epidemiology of envenomations by terrestrial venomous animals in Brazil based on case reporting: from obvious facts to contingencies. **J Venom Anim Toxins incl Trop Dis.**, v. 21, n. 1, p. 1-17, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-91992015000100319.

MARTINS, B. F.; CAMPOS, A. P. S.; SELEGHIM, M. R.; BALLANI, T. S. L.; TAVARES, E. O.; OLIVEIRA, M. L. F. Acidentes por serpente (Bothrops spp. e Crotallus spp.) em crianças: relato de dois casos. **Rev RENE**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 693-703, 2012. Disponível em: http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/737/pdf.

MECHIAL, W. C.; MARTINS, B. F.; REIS, L. M.; BALLANI, T. S. L.; BARBOZA, C. L.; OLIVEIRA, M. L. F. Internações hospitalares de vítimas de acidentes por animais peçonhentos. **Rev RENE**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 311-319, 2013. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/3240/324027986009.pdf.